



## **A ECONOMIA POPOULAR E SOLIDÁRIA E A RODA DE CONVERSA COMO UMA PRÁTICA DOCENTE EFICAZ: UMA REFLEXÃO EM ATIVIDADES NA FEIRA DO SEMIÁRIDO/UEFS-BA**

### **THE POPULAR AND SOLIDARY ECONOMY AND THE CONVERSATION WHEEL AS AN EFFECTIVE TEACHING PRACTICE: A REFLECTION ON ACTIVITIES AT THE SEMI-ARID FAIR / UEFS-BA.**

**José Raimundo Oliveira Lima**

[joseraimundouefs@hotmail.com](mailto:joseraimundouefs@hotmail.com)

Doutor em Educação e Contemporaneidade  
Universidade Estadual de Feira de Santana/Bahia/Brasil  
<http://lattes.cnpq.br/3667598575343054>

#### **RESUMO**

A Roda de Conversa, segundo Brandão (2006) é uma metodologia natural da educação popular, pois todo e qualquer sujeito, de uma forma ou de outra, conversa sobre si, sobre a vida, sobre o mundo ou sobre algo que o interessa. Esta prática foi observada a partir da experiência de economia popular e solidária organizada pelo Programa Incubadora de Iniciativas da Economia Popular e Solidária realizada na Feira do Semiárido da Universidade Estadual de Feira de Santana-Ba. Mas, o que vem a ser uma Roda de Conversa enquanto prática docente? Roda de Conversa, também, é um meio para trabalhar valores como o respeito, aprender a escutar e a falar na hora certa, estabelecimento de regras, cidadania, aceitação e dispõe de aspectos relevantes como a fala, registro, a postura e a entonação de voz segundo Campus (2000). É, neste contexto, um método de ressonância coletiva que consiste na criação de espaços de diálogos em que os sujeitos podem se expressar e, sobretudo, escutar os outros e a si mesmos. Este instrumento de aprendizagem democrático é, comumente, utilizado pela Equipe da Incubadora de Iniciativas da Economia Popular e Solidária (IEPS) da UEFS, ainda que sem a deliberada intenção, com o objetivo de fortalecer nos participantes posturas coletivas, a perda do medo de falar no grupo, posicionar-se em público, entre outras maneiras de comunicar o que pensa e tem produzido êxito. Este procedimento tem fortalecido o IEPS, a partir da discussão dos conceitos e definições de termos fronteiriços ou complementares à Economia Popular e Solidária, em especial, autogestão, solidariedade nas relações e cooperação para a fluidez do trabalho coletivo, inclusive, o trabalho docente.

**Palavras-chave:** Economia Popular e Solidária – Educação Popular – Roda de Conversa – Prática docente – Feira do Semiárido.

## **ABSTRACT:**

The Conversation Wheel, according to Brandão (2006) is a natural methodology of popular education, since each and every subject, in one way or another, talks about themselves, about life, about the world or about something that interests them. This practice was observed from the experience of popular and solidary economy organized by the Incubator Program of Initiatives of Popular and Solidary Economy held at the Semi-arid Fair of the State University of Feira de Santana-Ba. But, what becomes of a Conversation Wheel while practicing teaching? Conversation Wheel, also, is a means to work on values such as respect, learning to listen and speak at the right time, establishing rules, citizenship, acceptance and has relevant aspects such as speech, registration, posture and intonation of voice according to Campus (2000). It is, in this context, a method of collective resonance that consists of creating spaces for dialogues in which the subjects can express themselves and, above all, listen to others and themselves. This democratic learning tool is commonly used by the UEFS Incubator Team of Popular and Solidarity Economy Initiatives (IEPS), although without deliberate intention, with the aim of strengthening collective attitudes among participants, the loss of fear of speaking in the group, positioning yourself in public, among other ways of communicating what you think and have produced success. This procedure has strengthened the IEPS, based on the discussion of concepts and definitions of border or complementary terms to the Popular and Solidarity Economy, in particular, self-management, solidarity in relations and cooperation for the fluidity of collective work, including teaching work.

**Keywords:** Popular and Solidarity Economy - Popular Education - Conversation Wheel - Teaching practice - Semi-arid Fair.

## **CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

A conversa é um dos métodos mais eficazes para socialização de qualquer indivíduo, pois acontece independentemente de fatores econômicos, físicos, biológicos, étnicos e denominacionais, e faz parte do cotidiano de todas as pessoas do mundo. Conversa não é palestra, não é aula, não é seminário, entretanto, muitas vezes nos ensina muito mais, nos leva a refletir profundamente sobre questões interiores e exteriores à nossa vida e tem o poder de nos fazer mudar pequenas e significativas atitudes. A conversa, mesmo despreziosa e simples é capaz de causar impactos relevantes, pois é o elemento primordial para o início de qualquer evento, atividade ou relacionamento e é uma ferramenta significativa para os chamados educadores, embora para Freire (2005), ninguém educa ninguém, as pessoas a partir das relações que estabelecem entre se e com o mundo autoeducam-se, porque só aprendem aquilo para o que estão dispostas a aprender, mas, mesmo assim, a conversa é um instrumento oral relevante e indispensável no processo de ensino/aprendizagem.

Neste contexto, as pessoas aperfeiçoam a conversa e fazem dela um mecanismo de ensino/aprendizagem o mais natural possível. Com efeito, conversam consigo mesmas, conversam em duplas, conversam através da leitura, da arte, da música e, principalmente, conversam em grupos, em rodas, sendo esta última uma das maneiras de conversar mais produtivas de aprendizagem; ilimitada quanto às áreas de conhecimentos, versátil sobre diversos assuntos, especialmente, quando põe em destaque o que mais coesiona as atenções do grupo ou da roda, cujo mecanismo dinâmico de interação é o formato de círculo em que todos se veem de frente quando falam.

Nesta esteira, conversar – segundo Brandão (2006) – é uma metodologia natural da educação popular, pois todo e qualquer sujeito, de uma forma ou de outra, conversa sobre si, sobre a vida, sobre o mundo ou sobre algo que o interessa.

Com efeito, este trabalho, entretanto, foi desenvolvido na prática da economia popular e solidária a partir da interdisciplinaridade que envolve suas dimensões de atuação seja social, política, educacional, ambiental, econômica, entre outras nas quais professores de diversas áreas de formação (direito, economia, engenharia, pedagogia, geografia, contabilidade, administração, biologia, entre outras) articulam saberes, tecnologias sociais, conhecimentos locais, conhecimentos científicos e diversas outras formas de conhecimentos, aprendendo e ensinando num processo dialógico com os grupos de iniciativas econômicas populares solidárias que atuam junto ao Programa Incubadora de Iniciativas da Economia Popular e Solidária da Universidade Estadual de Feira de Santana-Ba ( PIEPS/UEFS) cujas ações ou atividades envolvem extensão, pesquisa e incubação.

Este programa tem como prática, seja entre seus componentes técnicos, professores, estudantes e pessoas da comunidade externa envolvidas nos projetos, a roda de conversa, tanto nas suas ações de estudo, pesquisa, extensão e incubação entre pares, quanto na relação com os grupos em processo de incubação, bem como entre grupos que acompanha na pós-incubação.

Nesta esteira, experimentou-se, entre as diversas práticas docentes, aquelas que melhor pudessem responder as especificidades de ação da economia popular e solidária em virtude da relação educativa estabelecida entre “educador/educando”, que implica o aprendizado de um "conteúdo" e se concretiza em um encontro, que, por sua vez, pressupõe uma escuta e uma fala, ou seja, um diálogo em que se abstrai a relação hierarquizada presente nas práticas das instituições, pessoas e sociedade, especialmente, capitalista. Desta forma, privilegiou-se o espaço da Feira do Semiárido na sua VIII edição como ambiente de observação e reflexão sobre a prática docente da roda de conversa.

## **MAS, O QUE VEM A SER UMA RODA DE CONVERSA?**

A Roda de Conversa é uma atividade indispensável à rotina de qualquer sala de aula, pois contribui na interação entre professor e aluno e também no relacionamento entre os alunos e seus colegas de classe. Além da contribuição no fortalecimento/desenvolvimento dos relacionamentos, pode-se usar esta prática para que o professor descubra o que e o quanto seus alunos sabem sobre determinados conteúdos, instigando-os a refletir, analisar, opinar sobre assuntos diversos que envolvem a rotina escolar e o mundo que o cerca.

A Roda de Conversa também é um meio para trabalhar valores como o respeito, desenvolver a escuta e a fala na hora certa, estabelecimento de regras, cidadania, aceitação e dispõe de aspectos importantes como fala, o registro, a postura e dicção segundo Campus (2000).

Nesta esteira, a Roda de Conversa é um método de ressonância coletiva que consiste na criação de espaços de diálogos, em que os sujeitos podem se expressar e, sobretudo, escutar os outros e a si mesmo. Neste sentido, segundo Campus (2000), esse método tem como objetivo estimular a construção da autonomia dos sujeitos por meio da problematização, da troca de informações e da reflexão para a ação. Trocas de experiências, conversas, discussão e divulgação dos conhecimentos constroem esse método de trabalho desenvolvido no trabalho de grupo e entre grupos.

Com efeito, o grande desafio é oficializar a Roda de Conversa como um espaço de autonomia, autoanálise e autogestão, religando as práticas de atenção com as ideias de gestão, possibilitando aos participantes a liberdade de discutir e expor suas ideias e opiniões sobre como percebem seus entraves referentes ao trabalho que exerce ou gostaria de exercer ou até mesmo sobre o trabalho dos outros. Normalmente, são realizadas reuniões nas quais uma das pessoas já estabelece uma pauta de discussões e se reúnem para resolver ou as questões são pautadas a partir do grupo reunido. É comum, entretanto, reunir-se em função de algum problema; no entanto, fazer parte da roda permite que os participantes se sintam amparados e acolhidos, porque ali estão pessoas com as quais eles podem – de alguma maneira – se identificar, seja porque vivem a mesma realidade, ou mesmo porque têm as mesmas dúvidas ou curiosidades. Enfim, a roda de conversa permite conhecer o outro e se reconhecer, além, de expor e se expor com relação a uma determinada temática.

Instituir a Roda de Conversa como método produz grupalidade e forma o que se chama de redes de trabalho afetivo, nas quais o afeto, a empatia, o convívio e a conversa conseguem se tornar práticas diárias no trabalho que se executa, tornando-os realmente uma equipe em trabalho solidário.

Este processo é um reconhecimento da natureza eminentemente “conversacional” do trabalho em Incubadoras Universitárias; nessa perspectiva, as reuniões ordinárias de trabalho sobre economia popular e solidária passam a ser concebidas como grandes momentos de conversações porque permitem que os participantes parem e reflitam, analisem seu fazer, desindividualizem as queixas e consigam pensar em estratégias possíveis para intervir em suas dificuldades e potencialidades. Esta seria uma modificação no conceito que temos do próprio trabalho como uma simples execução de tarefas, já que entendemos que trabalho está estritamente relacionado com a educação, ao ser fonte constante de criação, busca de novas metodologias, desafios, desenvolvimento e aplicação de novas técnicas capazes de aumentar o conhecimento e produzir sujeitos fluidamente conscientes.

O resultado da Roda de Conversa como atividade permanente é o aprimoramento e a formação contínua do sujeito como um todo, instigando-o a cada conversa a tornar-se mais crítico, analítico, participativo e equilibrado. Diante disso, algumas dicas para organizar uma Roda de Conversa são fundamentais e consistem em: a) Começar com curtas perguntas que permitam, também, inicialmente, respostas curtas. Neste processo a pessoa estará desenvolvendo a capacidade de esperar a sua vez para falar e ouvir o que o outro está falando; b) Incentivar a participação de todos, mas nunca forçar ou induzir de forma direta uma pessoa a falar, ela tem que sentir a necessidade e externalizá-la.

Com efeito, este instrumento de aprendizagem democrático é, comumente, utilizado pela Equipe da Incubadora de Iniciativas da Economia Popular e Solidária (IEPS) da UEFS, ainda que sem a deliberada intenção com o objetivo de fortalecermos participantes posturas coletivas: perder o medo de falar em grupo, posicionar-se em público, entre outras maneiras de comunicar o que se pensa. Esta prática favorece o fortalecimento da IEPS e a relação docente a partir da discussão dos conceitos e definições de termos fronteiriços ou complementares à Economia Popular e Solidária, em especial, autogestão, solidariedade nas relações e cooperação para a fluidez do trabalho coletivo.

Assim, propusemos – com base nestas discussões – a prática da roda de conversa, aplicando-a como mecanismo metodológico sobre o tema economia popular e solidária em atividade desenvolvida na Feira do Semiárido realizada na UEFS com sistematização dos resultados da experiência para publicação em eventual oportunidade, bem como sua reflexão

no grupo IEPS, entre este e os grupos com quais se relaciona a fim de ser reproduzido como práticas sucessivas entre os demais grupos desse processo de trabalho de incubação possibilitado pela economia popular e solidária na perspectiva do desenvolvimento local solidário na referida Feira denotada como um território de relações entre localidades que perpassa a ideia de região. Ressalte-se, entretanto, segundo Lima (2012), este desenvolvimento é compreendido como um processo de aprendizagem que não cessa de se inscrever no processo de desenvolvimento humano como um horizonte que considera as relações de proximidade, parentesco, culturais, saberes locais, entre outras que não apenas geográficas ou físicas, apontando, portanto, para a possibilidade da existência dos conflitos inerentes ao contraditório político, de desigualdades, necessariamente, presente no cotidiano do homem e da mulher.

## **O TERRITÓRIO SEMIARIDO**

Segundo dados do Ministério da Integração, o Semiárido brasileiro abrange uma área de 969.589,4 km<sup>2</sup> e compreende 1.133 municípios de nove Estados do Brasil como Alagoas, Bahia, Ceará, Minas Gerais, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe.

Nesta área, vivem 22 milhões de pessoas, que representam 11,8% da população brasileira, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE/2010).

O Semiárido tem a maior parte do seu território coberto pela Caatinga, único bioma exclusivamente brasileiro, rico em espécies endêmicas, ou seja, que não existem em nenhum outro lugar do mundo. A composição florística da Caatinga não é uniforme em toda a sua extensão; apresenta grande variedade de paisagens, de espécies animal e vegetal, nativas e adaptadas, com alto potencial e que garantem a sobrevivência das famílias agricultoras.

Essa heterogeneidade tem levado alguns autores a utilizar a expressão – as caatingas. Na sua pluralidade pode-se falar em pelo menos 12 tipos de caatingas, que chamam atenção especial pelos exemplos diversificados de adaptações ao habitat.

Apesar do enorme potencial da natureza e do seu povo, o Semiárido é marcado por grandes desigualdades sociais. Segundo o Ministério da Integração Nacional, mais da metade (58%) da população pobre do país vive nesse ambiente. Estudos do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef/2011) demonstram que 67,4% das crianças e adolescentes no Semiárido são afetados pela pobreza. São quase nove milhões de crianças e adolescentes desprovidos dos direitos humanos e sociais mais básicos, e dos elementos indispensáveis ao seu desenvolvimento pleno, inclusive, expressar-se, poder falar sobre sua própria realidade.

Outra característica do Semiárido brasileiro é o déficit hídrico, mas isso não significa falta de água, pelo contrário, é o semiárido mais chuvoso do planeta; a média pluviométrica vai de 200 mm a 800 mm anuais dependendo da sub-região. Porém, as chuvas são irregulares no tempo e no espaço.

Além disso, a quantidade de chuva é menor do que o índice de evaporação, que é de 3 mil mm/ano, ou seja, a evaporação é três vezes maior do que a da chuva que cai. Isso significa que as famílias precisam se preparar para a chegada da chuva. Ter reservatórios para captar e armazenar água é fundamental para garantir segurança hídrica no período de estiagem, a exemplo das tecnologias sociais: cisternas domésticas, cisternas-calçadão, barragens subterrâneas e dos tanques de pedra.

As contradições e injustiças que permeiam a região podem ser percebidas inclusive no acesso à renda que reflete também uma forte desigualdade de gênero. Metade da população no Semiárido ou mais de dez milhões de pessoas não possuem renda ou tem como única fonte de rendimento: os benefícios governamentais. Na sua maioria (59,5%) são mulheres.

Os que dispõem de até um salário mínimo mensal somam mais de cinco milhões de pessoas (31,4%), sendo 47% mulheres. Enquanto isso, apenas 5,5% dispõem de uma renda entre dois a cinco salários mínimos, a maioria (67%) homens, e dos 0,15% com renda acima de 30 salários mínimos apenas 18% são mulheres.

Nesta esteira, o Índice de Gini, que mede o nível de desigualdade a partir da renda, está acima de 0,60 para mais de 32% dos municípios do Semiárido, demonstrativo de uma elevada concentração da renda na região. Este indicador denota que quanto mais próximo de 1 é o índice, maior é a desigualdade. Essa realidade, entretanto, metrificada e calculada pelas estatísticas é o reflexo de milhões de vidas que lutam cotidianamente sem o acesso aos direitos sociais e humanos mais fundamentais, inclusive, o direito à água. Uma realidade, portanto, que exige transformações urgentes.

Com efeito, estudos e avanços organizativos são claramente percebidos por movimentos que buscam a valorização da região, divulgando seu potencial apesar das enormes dificuldades encontradas. Uma das grandes responsáveis por esta dinâmica política de movimento organizativo e, inclusive, a fonte destas informações e dados, é a Articulação Semiárido Brasileiro (ASA) uma rede formada por mil organizações sociais que atuam em prol do desenvolvimento sustentável da região; outra instituição que procura focar a região no trato das questões específicas é a Universidade Estadual de Feira de Santana que está cravada no centro da região semiárida e desenvolve diversas atividades de pesquisa, extensão e incubação ao longo desta vasta região como, por exemplo, a própria Feira do Semiárido.

## **A FEIRA DO SEMIÁRIDO NA UEFS**

A Feira do Semiárido, organizada pela Universidade Estadual de Feira surgiu faz alguns anos no intuito de tratar de temas diretamente relacionados à vida da população da região e vem se aperfeiçoando e melhorando cada vez mais a partir do envolvimento direto daqueles que, de fato, vivenciam problemas históricos, atualmente, encampados pela agricultura familiar e, também, dinamizados por movimentos de diversas dimensões de atuação da economia popular e solidária. São discutidos problemas de dimensões sociais, políticas, ambientais, educacionais, econômicas entre outras como a convivência com a seca, pro exemplo. A VIII e penúltima Feira do Semiárido foi realizada no período de 04 a 07 de dezembro de 2012 e a temática definida pela Universidade e comunidade local para orientar os debates foi “Semiárido e a seca no Nordeste: Planejamento e políticas públicas nos territórios de identidade”. Nesta perspectiva, a proposta de discutir essa sub-região do Nordeste enquanto totalidade, buscando elevar o desempenho da produtividade para a concretização de alternativas para a sociedade e o meio ambiente foi exitosa.

Nesse sentido, o objetivo de chamar a atenção para os saberes, fazeres e as potencialidades da referida região – observando a capacidade que tem o homem e a mulher que habitam o semiárido para oferecer produtos e ideias que refletem tanto a convivência, quanto os caminhos para efetivação do desenvolvimento sustentável territorial – foi atingido em todos os ambientes da Feira, especialmente, nas atividades que envolveram a economia popular e solidária, foco deste trabalho.

Com efeito, observou-se a construção de novas parcerias entre a comunidade acadêmica e externa no sentido de unir o conhecimento institucionalizado ao conhecimento produzido pelas populações do semiárido. Nessa esteira, a produção do conhecimento que tem buscado a valorização dos diferentes saberes como um crescente desafio que emana da necessidade de conhecer os problemas socioespaciais nas mais diversas escalas, foi alcançado, inclusive, fazendo-se uma autocrítica sobre o próprio trabalho docente no que se refere as suas práticas ou metodologias de aproximação e dinâmica de trabalho com os setores populares (KRAYCHETE, 1999).

Observou-se, portanto, que a VIII Feira do Semiárido não tem a intenção de confrontar os saberes populares com os saberes acadêmicos, e sim proporcionar o diálogo na perspectiva em que a prática docente (RIBEIRO, 2009), produza uma relação educativa com os setores populares menos impositivas e mais dialógicas com base numa discussão sobre os saberes, fazeres, planejamentos e políticas no Semiárido na tentativa de compreender as diferentes



“maneiras de fazer”, desenvolvidas pelas pessoas que convivem nessa sub-região para superar os problemas impostos pelas diversas questões que historicamente rebatem sobre seu povo.

**A ECONOMIA POPULAR E SOLIDÁRIA E A RODA DE CONVERSA COMO UMA PRÁTICA DOCENTE EFICAZ: UMA REFLEXÃO EM ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NA FEIRA DO SEMIÁRIDO/UEFS-BA.**

A Incubadora da UEFS no intuito de produzir uma avaliação sobre sua atuação na Feira do Semiárido organizou uma roda de conversa no seu espaço sobre a economia popular e solidária a partir da análise sobre outra roda de conversa realizada na Feira com o objetivo de refletir como está o conhecimento do tema, o nível de interesse dos participantes, bem como a prática ou metodologia escolhida para a relação docente entre os participantes da Feira e dessa Economia. Assim, observou-se e ouviram-se alguns participantes da VIII Feira do semiárido pertencentes à Incubadora, classificados para efeito de preservação da imagem e identidade com a seguinte notação C1, C2, C3 e C4, como Conversas (C) avaliativas, livres, mas semi-estruturados, a partir do diálogo em círculo com os participantes do Programa Incubadora de Iniciativas da Economia Popular e Solidária no evento como um todo, seja nos stands, mesas específicas, participação geral na Feira e, especificamente, na roda de conversa realizada pela equipe da IEPS. Neste sentido, dispomos trechos dos diálogos na íntegra conforme segue:

Para C1,

[...] foi importante nossa participação permanente no espaço Stand na Feira, pois nos proporcionou visibilidade enquanto agentes da economia popular e solidária, o Stand reforçou a nossa proposta de roda de conversa como uma prática democrática na produção do conhecimento, além de ter consolidando alguns contatos com atores da UFES, a exemplo da Proex e outros. Isso diz muito sobre a necessidade de aprofundarmos e compreendermos melhor o espaço-natureza da Feira. O espaço físico da Feira foi bom, menos precário que os anteriores para os grupos, mas, não favoreceu completamente a nossa ideia de roda.

Observa-se diante do exposto por um dos participantes (C1) da Feira, que tanto no que se refere ao espaço permanente em forma de Stand – onde expusemos fotografias, projetos, materiais de divulgação, além de, principalmente, estarmos abertos ao diálogo com todos os envolvidos que por ali passavam – quanto ao interesse pela economia popular e solidária que o contato com o público na Feira do Semiárido despertou entusiasmo e ampliou bastante a demanda por consultas e convites a Incubadora pelo público local.

Sobre a roda de conversa inferimos que a proposta do espaço físico não favorecia a atividade da roda de conversa, tanto pela não integração entre as “atividades acadêmicas” e de debates e a feira propriamente dita. Esse arranjo reflete as tensões entre os saberes científico e popular, que combinados de modo dialógico são conteúdos principais da mobilização dos atores e agentes que atuam no semiárido.

Segundo C2,

[...] a relação de custo benefício do Stand, tendo em vista que poderíamos ter intervindo de maneira mais intensiva em outros espaços, a exemplo da experiência da Roda de Conversa propriamente dita, ou mesmo participando de alguns dos espaços de debate da Feira como mesas, espaço cultural, potencializando assim ainda mais a Roda de Conversa, entretanto foi uma experiência positiva, sendo uma metodologia mais apropriada ao nosso trabalho de incubação e economia popular e solidária.

90

Nesta fala observou-se a avaliação de que a roda devia ser melhor explorada considerando que a participação dos membros da Incubadora em outros espaços da Feira, aí inclusos os outros espaços com caráter de promover a discussão, seria relevante para repercutir a proposta de realização da roda de conversa pela Equipe Incubadora. Entretanto, ressalta a prática como apropriada à economia popular e solidária e, também, para uma melhor relação entre participantes.

Com efeito, é preciso considerar que o uso de metodologias mais participativas, entendendo a roda de conversa como uma dessas, está associado aos perfis dos grupos populares mais propensos a participar de ambientes que sejam acolhedores e informais, menos prescritivos e com menos regras e normatizações. Por certo que a aplicação de metodologias participativas não prescindem de organização e planejamento, antes mesmo, parte-se da compreensão de que o ambiente educativo deva permitir a troca de saberes.

C3, por sua vez, relativiza a localização da Feira, segundo ele,

[...] tendo em vista que algumas pessoas externas à organização do evento comentaram sobre o bom espaço de realização da Feira esse ano, não acho que foi ruim o espaço também para os frequentadores, tendo a ter sido relativamente bem movimentado onde aconteceu, sem contar a boa infraestrutura cedida para os grupos-empresendimentos, a Roda de Conversa foi muito produtiva e o Stand cumpriu um papel importante, podemos aproveitar mais ainda o espaço do stand se tivermos mais planejamento e material para divulgação e troca. O Stand, de maneira geral, manifesta a impressão de que a Feira deste ano tendeu a acolher mais “o popular” e neste sentido as coisas do semiárido. Podemos projetar para as próximas Feiras a implementação de um clube de trocas e quem sabe a constituição de uma moeda social específica para o espaço da Feira, são propostas para amadurecimento entre o intervalo de uma Feira e outra.

Nesta conversa, observa-se certo entusiasmo, não só quanto a uma avaliação positiva da prática, devido à relação docente/público interessado em trocar conhecimentos e informações proveitosas e possibilitadas pelo espaço – além de já está pensando temas que transitam àquele espaço –, bem como suas relações com a economia popular e solidária e o espaço próprio para discutir os conhecimentos e saberes relevantes para o Semiárido (Clubes de Trocas e Moedas Sociais).

Finalmente, relata C4:

[...] penso que existe a necessidade de se coordenar e acompanhar mais algumas atividades por parte da coordenação geral do evento, a exemplo dos expositores que comentaram ser preciso fazer avaliação com os expositores participantes, como os cordelistas que recitavam em paralelo a exposição dos pôsteres, estes e eu também acho que apesar de localizar avanços ainda penso que a Feira tem maior tendência para o científico-acadêmico e isso limita o acesso do povo e também o espaço da comercialização não tem sido o espaço prioritário da Feira, muita gente não vende nada por conta do formato da estrutura e isso não deve ser interessante para quem precisa vender.

91

Nesta fala, observa-se a preocupação com toda uma ideia de defesa e pertencimento em que está em voga não apenas conhecimentos diversos, mas a forma como são apresentados e os próprios artefatos produzidos e comercializados, bens e serviços, além dos aspectos culturais que devem ser olhados mais atentamente quando da realização de outra Feira dessa natureza. Considera, portanto, um espaço oportuno para todas as questões do semiárido, inclusive, comercialização de produtos da economia popular e solidária e, que se aproxime mais da realidade vivida pelo povo, seja, então, menos “academicista” como as versões anteriores que visam mais exposições de trabalhos acadêmicos no formato mais tradicional de escola.

Assim, C4 acentua uma tendência já apresentada na fala de C1 quando trata da articulação dos saberes científico e popular em uma perspectiva de troca, posto certa preponderância das ações e da orientação geral do evento para o viés mais científicista. De algum modo, tais elementos podem incidir diretamente na motivação dos grupos produtivos que se mobilizam para participar da Feira, que, ao não conseguir realizar uma razoável comercialização dos seus produtos, prejudica o desenvolvimento de um dos princípios importantes da economia popular e solidária, qual seja, a ação econômica.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O objetivo de experimentar a roda de conversa como uma metodologia ou prática apropriada a economia popular e solidária nos trabalhos de pesquisa, extensão, incubação e diálogo com a comunidade externa à UEFS, em especial, com público da Feira do Semiárido, foi alcançado para além das nossas expectativas, tendo em vista a imbricação que se tem com práticas tradicionais de ensino, escolarização, muitas vezes verticalizadas e bancárias de ensino/aprendizagem ou de aplicação de conteúdo.

Nesta esteira, algumas conversas demonstram o tom da necessidade de participação, por igual, de exposição do sujeito, de reflexão sobre o que se vive na região semiárida num espaço próprio. Neste sentido, a roda de conversa mostrou-se uma prática apropriada e eficaz para o espaço e a economia popular e solidária.

Este trabalho, entretanto, demonstra que a relação docente com os interessados em aprender e trocar experiências quando imbuída de uma prática dialógica, democrática e visando articular saberes, conhecimentos locais, tecnologias sociais entre outras formas de conhecimentos e saberes, faz a comunicação interdisciplinar das diversas formas de conhecimentos acontecer e atinge melhores resultados, principalmente, em se tratando de um público adulto como é o caso dos participantes das Feiras do Semiárido.

O resultado deste trabalho demonstra que os docentes exercem sem dúvidas um papel central nas atividades de ensino/aprendizagem, mas não insubstituível no processo da transformação social sem que a relação com os outros sujeitos não seja reinventadas e apropriadas a cada realidade. A formação identitária do professor abrange, necessariamente, o profissional, pois a docência vai mais além do que somente dar aulas, constitui fundamentalmente, portanto, a sua atuação profissional na prática social. Desta forma, a formação dos educadores não se baseia apenas na racionalidade técnica, como executores de decisões alheias, mas como sujeitos com competências e habilidades na capacidade de decidir conjuntamente, produzindo novos conhecimentos para a teoria e prática, interdisciplinarmente, relacionarem-se.

Sendo assim, o uso de metodologias participativas e a aplicação destas nos espaços de incubação de iniciativas da economia popular e solidária se fazem pertinentes, pois que se complementam uma na realização da outra, pois tanto a metodologia, quanto a proposta político-organizativa da economia popular e solidária sem perder de vista o grau satisfatório de receptividade dos grupos populares a tais práticas condizem com uma avaliação positiva do desenvolvimento da roda de conversa enquanto estratégia de diálogo, socialização e produção de novos conhecimentos e saberes.

Portanto, a economia popular e solidária se apresenta como um tema apropriado para a efetividade da roda de conversa como uma prática docente eficaz a partir das reflexões em atividades apreciadas envolvendo professores, técnicos, estudantes universitários e secundaristas, bem como o público em geral composto de grande diversidade de trabalhadores presentes na Feira do Semiárido realizada na Universidade Estadual de Feira de Santana-Bahia.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

A Articulação Semiárido Brasileiro (ASA). **Semiárido**. Retirado em 11 de maio de 2013 de [http://www.asabrasil.org.br/Portal/Informacoes.asp?COD\\_MENU=105](http://www.asabrasil.org.br/Portal/Informacoes.asp?COD_MENU=105).

BRANDÃO, C. R.(2006). **O que é educação popular**. São Paulo: Brasiliense.

CAMPOS, G.W.S. (2000). **Um método para análise Rodas de Conversa**. Retirado em 26 de novembro de 2012 de <http://www.rodasdeconversas.wordpress.com./material-de-apoio/.e-co-gestão-de-coletivos>. São Paulo: HUCITEC.

FREIRE, Paulo. (2005). **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

KRAYCHETE, Gabriel (1999). **Economia dos Setores Populares: entre a realidade e a utopia**. Salvador: UCSal.

LIMA, J. R. O. (2012, Maio). **Economia popular e solidária e desenvolvimento local solidário: análise dos processos educativos e de economia política inerente à incubação de iniciativas econômicas populares solidárias**. Comunicação apresentada no I Seminário do Fórum de Pesquisa da Linha 3 – Educação, Gestão e Desenvolvimento Local Sustentável do PPGEduC/UNEB - Salvador-BA.

RIBEIRO, Marinalva L. **A prática educativa de professores: representações de estudantes no contexto da formação**. In: CUNHA, Maria Isabel da; SANDRA, Regina Soares; RIBEIRO, Marinalva L. (Orgs.). *Docência universitária: profissionalização e práticas educativas*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2009.232p.